

## MULTILETRAMENTOS: EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DO OLHAR SENSÍVEL

**Adeline Garcia**

UNISC

**Felipe Gustsack**

UNISC

### **Eixo 1 – Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação**

Trato, nessa pesquisa e dissertação, sob orientação do professor Felipe Gustsack, o tema MULTILETRAMENTOS: EXPERIÊNCIAS NA TECITURA DO OLHAR SENSÍVEL. Como objetivo geral, procurei estudar e explorar possibilidades de uma práxis complexa de acolhimento e educação sensível na sala de aula com os multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos. Os objetivos específicos foram: contar a minha caminhada ao encontro dos multiletramentos e a Pedagogia dos Multiletramentos; evidenciar os multiletramentos e a pedagogia sinestésica, que deles emerge, com experiências de ensino-aprendizagem singulares, sensíveis e acolhedoras de docentes e discentes, relatando e interpretando esses fatos do chão da sala de aula. Com essas experiências, quis possibilitar uma teia de trocas com outros grupos e comunidade escolar. Acolhendo e incluindo, na prática de meu dia a dia em sala de aula, procurei explorar as mais diversas linguagens: oral, escrita, visual, sonora, tátil, cultural, social e emocional. Foram as minhas experiências sentidas com minhas mais íntimas emoções que permitiram este leque de possibilidades no acolher, no ensinar e no aprender. Eu necessito fazer coisas porque preciso produzir mundo, senti-lo e perceber, nos multiletramentos, sensivelmente, o que a experiência traz e toca. Segundo Larrosa (2007), é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, acontece ou lhe afeta. A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça, nos toque, requer parar para pensar, olhar, escutar, cultivar a atenção e a delicadeza, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, cultivar a arte do encontro e dar-se tempo e espaço. No que diz respeito à metodologia, inicialmente, realizei uma busca bibliográfica acerca do tema e dos termos de estudo. Essas leituras me ajudaram a compor temas e provocações para as interpretações dos docentes e discentes, de minhas experiências e registro de possibilidades. A pesquisa pautou-se em uma abordagem qualitativa com pesquisa de

campo via aplicação de questionários de perguntas abertas a docentes e discentes, observações do dia a dia na sala de aula e a interpretação das experiências compostas a partir dessas trocas. Na pesquisa empírica busquei auxílio para a compreensão dos termos, palavras e estudos. A pesquisa costurou-se em um texto com cinco lindos retalhos. A introdução, “Os primeiros alinhavos”, traz um resumo e detalhes de cada retalho costurado ao longo da escrita, encontros e tessitura da dissertação. Depois em “Era uma vez: hora da história alinhavada”, costuro minha caminhada com a educação, com os multiletramentos, com o sensível, com o acolher, com a experiência vivida e sentida. No terceiro retalho “Alinhavando e costurando: referenciando termos do estudo”, referencio e explico em detalhes os termos da dissertação, fazendo uma relação entre eles e como essa conversa se deu na pesquisa. O quarto retalho “Experiências com as docentes e discentes: retalhos e linhas essenciais para a pesquisa” traz experiências com as docentes e discentes que por mim passaram, mostrando o dia a dia no chão da sala de aula, suas vozes, corações e almas. Segundo Cadzen (2021) a proposta dos multiletramentos nasce no século XXI, preocupada com o futuro de jovens do mundo inteiro, considerando ambientes de aprendizagem multiculturais, multilinguísticos e multimidiáticos. O mundo de hoje requer uma concepção mais ampla de letramento do que a descrita nas abordagens tradicionais. As abordagens com os multiletramentos possibilitam aos estudantes alcançar o acesso às linguagens em permanente evolução e favorecem o engajamento crítico necessário à projeção de seus futuros visando uma convivência social desejável. O conceito de multiletramentos surge com o Grupo de Nova Londres (GNL) ou *The New London Group* (NLG), entre 1995 e 1996, em uma perspectiva de letramento que considera a multiplicidade de linguagens: visual, verbal, linguística, sonora, gestual, espacial e cultural, considerando-as em relação aos *designs* (construção de sentidos). Cope e Kalantzis (2000), os pesquisadores australianos e membros do GNL, trazem uma pedagogia que considera diferentes culturas e contextos, a Pedagogia dos Multiletramentos. Nela, os efeitos sociais e culturais podem ser compreendidos com a disponibilização de espaço para que se experimente diferentes estilos de vida, o pluralismo, com acesso sem que as pessoas tenham de apagar ou deixar para trás diferentes subjetividades. Essa pedagogia sinestésica está fundamentada em quatro fatores ou movimentos: Prática Situada (*Situated Practice*), Instrução Explícita (*Overt Instruction*), Enquadramento Crítico (*Critical Framing*) e Prática Transformada (*Transformed Practice*). Não há ordem sugerida para a realização desses quatro movimentos, são complementares e podem cruzar-se durante qualquer momento do

processo de ensino. Aqui no Brasil, bem antes de 1996, Paulo Freire já defendia uma educação emancipadora e transformadora, com base em sua distinção entre “educação bancária” e “educação problematizadora”, com o intuito de transformar para emancipar e/ou emancipar para transformar, para dar condições a todos de exercer sua cidadania. As ideias defendidas no Manifesto de 1996 nos remetem a esse grande educador, que em sua obra fala do reconhecimento e o respeito à identidade cultural, assim como a “aceitação do novo e a rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p. 20). Outra relação diz respeito à regência da educação e currículos nos próximos anos: o reconhecimento da identidade própria, mas também o respeito pelo outro, a valorização do outro e de sua cultura porque “a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros” (FREIRE, 1996, p. 23). Assim, é possível, continuar a fazer tecimentos e alinhavos entre ele e os movimentos didáticos da Pedagogia dos Multiletramentos. Para Freire (1982), a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que a percepção e a compreensão da realidade que nos cerca são a base para nossa interpretação dos textos. Sendo assim, uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, pois a alfabetização é uma força de transformação do mundo e ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, enaltecendo a prática transformada. Exige também a conquista de uma consciência e a reflexão crítica sobre a prática para que se alcance uma educação como prática da liberdade. Nesse ponto, percebe-se o enquadramento crítico: “o de que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” (FREIRE, 1996, p. 43). Freire e a Pedagogia dos Multiletramentos mostram a importância de um trabalho pedagógico baseado no diálogo e no desenvolvimento da criticidade, com um currículo escolar adequado as realidades vivenciadas pelos educandos focado nas discrepâncias sociais e fatores que implicam essas condições. Os quatro movimentos pedagógicos foram revisitados em diferentes momentos. Em 2006, no artigo de Mary Kalantzis intitulado *Elements of a science of education*, quatro conceitos chamados de processos do conhecimento são citados: experienciar (o conhecido - o novo), conceitualizar (nomeando - teorizando), analisar (funcionalmente - criticamente) e aplicar (apropriadamente - criativamente). E em 2009, no artigo de Bill Cope e Mary Kalantzis, *Multiliteracies: New literacies, new learning* esses processos substituem oficialmente os quatro movimentos didáticos do manifesto de 1996. Os multiletramentos potencializam a valorização do conhecimento do

educando, dada a multiplicidade de sistemas semióticos envolvidos simultaneamente na elaboração de textos. A escola precisa dar conta:

das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam (ROJO, 2009, p. 90).

Minhas considerações finais se encontram na tecitura findada “Descobertas por entre costuras, texturas, estampas e alinhavos na colcha de retalhos”, com destaques para as desocultações, digamos assim, por entre as costuras e os alinhavos da caminhada. Neste último capítulo dou conta e confirmo a minha esperança e a minha defesa de uma pedagogia sensível, vivida com todo o corpo de todo coração. Fiz questão de apontar e destacar aspectos centrais dessa potência pedagógica de poder trocar, compartilhar e tecer novas conversas sobre a importância dos multiletramentos e sua pedagogia sinestésica em experiências tecidas de forma sensível e acolhedora. Evidenciei, igualmente, o vigor dessas docentes inspiradoras, os multiletramentos e a pedagogia que deles emerge, dei voz as experiências do chão da sala de aula e escutei os seres encantados, estudantes, que nela habitam. Não trago nada novo, não era esse meu objetivo. O que queria era ampliar o olhar COMigo, COM docentes, discentes, com os multiletramentos, com o sensível e a experiência. Não precisava que fosse novo ou desconhecido, mas eu precisava que fosse ativado, revivido, sonhado e é isso que trouxe qualidade ao conteúdo, criando significados genuínos. Trouxe ao meu trabalho a ideia de que criar é dar forma ao próprio destino. A experiência não se cria, se passa por ela, se sente. Vive-se a experiência e para cada um, assim como para mim, viver essas aprendizagens foi novo, pois me desocultou de diferentes maneiras. Foi preciso e necessário pôr em ação uma sensibilidade generosa, que não se espantasse com nada, mas que fosse capaz de compreender o crescimento específico e a vitalidade própria de cada coisa com um saber que integrasse o caos ou, pelo menos, concedesse a este o lugar que lhe é próprio. Dar lugar à incerteza, ao imprevisível, à desordem, mesmo sendo estes, quem são, não menos humanos e sim, em graus diversos, e que atravessam as histórias individuais, coletivas e são parte do ato de conhecimento, de acordo com Maffesoli (1998).

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Multiletramentos; Experiências; Sensível; Sala de aula.

## REFERÊNCIAS

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. Belo Horizonte: LED, 2021.

COPE, Bill. KALANTZIS, Mary (Orgs.). **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Psychology Press/Routledge: London, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA BONDÍA., Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.151-175. Disponível em:  
<<http://www.fig.if.usp.br/~crochik/pe1/larrosalinguagemeeducaodepoisdebabel.pdf>>  
Acesso em 25/11/2020.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Título original: Éloge de la raison sensible.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.